

O ARTISTA E A PERDA DO HALO

Lohane Cristine de Araujo Guimarães (UERJ)
lohanecristine@yahoo.com.br

RESUMO

O período conhecido como Belle Époque, marcado temporalmente pela virada do século XIX para o XX na França e no Brasil tem, na Europa, Paris como o epicentro da modernidade (cidade das exposições universais e dos avanços tecnológicos, arquitetônicos, urbanísticos, artísticos e de lazer) e, no Brasil, o Rio de Janeiro. A chegada dos inventos ópticos logo afetou a escrita dos literatos e por consequência sua relação com o mercado editorial vigente indo até o que podemos chamar de perda do halo, ou seja, a perda do lugar sacrossanto ocupado por eles em virtude da profissionalização. Elementos como o cinematógrafo, os automóveis, bondes elétricos, a eletricidade, entre outros afetaram a percepção de espaço e tempo dos sujeitos. O artista, mais precisamente o escritor, precisou se adaptar às novidades que a tecnologia demandava e se enquadrar à lógica do mercado ou estava fora do jogo e isso fez com que ele perdesse seu halo, a auréola que o colocava em um lugar acima dos indivíduos comuns. Como consequência da inserção das novidades tecnológicas na escrita as crônicas de João do Rio são um excelente exemplo. A aceleração da escrita, a descrição sensorial dos espaços, a simultaneidade temporal e a descontinuidade narrativa são só algumas características importadas dos inventos ópticos que passaram a compor as crônicas desse autor. No espaço de visibilidade dessas alterações, ocupado pelo escritor, o jornal, o diálogo com o leitor fica evidente. A necessidade de diálogo e empatia com esse leitor atestam a profissionalização do escritor.

Palavras-chave:

Halo. Literato. Belle Époque.

1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo estudar a relação entre literatura e técnica, isto é, o diálogo tenso pela incorporação de características oriundas dos inventos ópticos à escrita literária, no contexto moderno da Belle Époque carioca, virada do século XIX para o XX. Como objeto deste trabalho foram selecionadas algumas crônicas da coletânea “A Alma Encantadora das Ruas”, do jornalista João do Rio, por nelas ser possível identificar como a linguagem do autor acompanha a modernidade. Seu espírito *flâneur* não o permitiu ficar preso à redação de um jornal aguardando as notícias chegarem, ele ia em busca delas e a partir de suas andanças conseguiu matéria para transformar em crônica da vida cotidiana.

O cronista foi inovador tanto no conteúdo, ao tratar de questões menosprezadas até então por outros jornalistas ou nunca tratadas antes,

quanto na forma, ao utilizar técnicas provenientes dos inventos ópticos como o cinematógrafo, fotografia, entre outros, em sua escrita. Ele manjava a máquina de escrever assim como um cinegrafista maneja uma câmera, quando era preciso focalizar em uma certa cena, assim ele o fazia com a palavra, trazendo o leitor mais para perto dos acontecimentos, de forma sutil, sem dar indicações de como o processo ocorria. O leitor, semelhante ao espectador de um filme, era levado aos lugares onde o operador da máquina julgava mais conveniente conhecer. Era como se João do Rio carregasse seus leitores pelas mãos e os apresentasse a moderna cidade do Rio de Janeiro desde os becos mais obscuros aos altos salões, captando todas as cenas como uma câmera o faz, através de sua escrita.

Por meio da crônica, o leitor era convidado a passear por um Rio de Janeiro remodelado, reformado, mas que ainda convivía com os resquícios de um passado colonial marcado pelo atrasado. Mesmo que os governantes se apropriassem do discurso progressista, as crônicas de João do Rio denunciavam a coexistência de dois mundos, um moderno, remodelado, inovador e o um outro, miserável, pobre, degradante, de uma modernidade que não atingiu a todos na mesma medida.

2. A modernidade

A modernidade é um processo tenso, conflitante que retira o sujeito de um lugar confortável e o atira em um mundo de possibilidades anulantes. Marshall Berman, em seu livro, “Tudo o que é sólido desmancha no ar” (1989), cita Rousseau como sendo a primeira voz moderna a usar a palavra modernidade (modernité) no sentido que os séculos XIX e XX usarão. A partir do que o filósofo fala é possível extrair algumas características da atmosfera moderna que originam a nova sensibilidade dos sujeitos tão presente na obra de João do Rio. Dentre essas características estão a agitação e turbulência; o aturdimento psíquico e embriaguez; a expansão das possibilidades de experiência e destruição de barreiras morais e dos compromissos pessoais; fantasmas na rua e na alma.

A atmosfera moderna da qual tratara Rousseau está em ebulição na Belle Époque carioca. O cinematógrafo, a fotografia, a eletricidade, os automóveis, as vitrines das boutiques, enfim, todos esses elementos despertam novas sensações nos sujeitos, atingem seus sentidos e os estimulam em demasia por alterarem as noções de tempo e espaço. A experiência urbana lança um turbilhão de emoções e sensações sobre os sujeitos,

afetando sua forma de perceber o mundo, e é a partir de então que emerge nova sensibilidade, uma sensibilidade moderna.

A noção de identidade e de corpo foram alteradas em virtude do bombardeio de estímulos provocados pelos elementos modernos que intensificaram a estimulação nervosa, conceito denominado por Ben Singer como *modernidade neurológica*. Caminhar pelas ruas passou a ser um ato que exigia demasiada atenção dos indivíduos, pois poderiam ser atingidos por um automóvel a qualquer momento, caso estivessem desatentos. O trecho a seguir, retirado da obra de Singer, “Modernidade, hiperestímulo e o sensacionalismo popular” (2010), deixa a atmosfera da época mais evidente:

A modernidade implicou um mundo fenomenal – especificamente urbano – que era marcadamente mais rápido, caótico, fragmentado e desorientador do que as fases anteriores da cultura humana. Em meio a turbulência sem precedentes do tráfego, barulho, painéis, sinais de trânsito, multidões que se acotovelam, vitrines e anúncios da cidade grande, o indivíduo defrontou-se com uma nova intensidade de estimulação sensorial. A metrópole sujeitou o indivíduo a um bombardeio de impressões, choques e sobressaltos. O ritmo da vida também se tornou mais frenético, acelerado pelas novas formas de transporte rápido, pelos horários prementes do capitalismo moderno e pela velocidade sempre acelerada da linha de montagem. (SINGER, 2010, p. 96)

A modernidade destrói os valores antigos para implementar novos hábitos, e a partir disso emerge uma nova sensibilidade dos sujeitos, isto é, uma nova forma de ser e estar no mundo. A linguagem, mais precisamente a dos jornais, meio utilizado para veicular o modo de vida moderno, é alterada. A modernização definida por Berman, em seu livro, “Tudo o que é sólido desmancha no ar” (1989), como processos sociais que marcam o início do turbilhão da vida moderna num perpétuo estado de vir-a-ser tem como aspectos as grandes descobertas nas ciências físicas; a industrialização da produção; a descomunal explosão demográfica; o rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano; o desenvolvimento dos meios de comunicação e movimentos sociais de massa e de nações, e é ela a responsável pela transformação do cenário literário.

De acordo com a pesquisadora Marialva Barbosa, em seu livro “A História Cultural da Imprensa, Brasil: 1800-1900” (2010), a nova configuração dos jornais, o crescimento de tipografias, a entrega regular dos periódicos em virtude do aperfeiçoamento dos sistemas de transportes e a regularização dos serviços dos Correios transformaram o jornal em um veículo de comunicação de massa. A inserção de imagens e a transformação da linguagem, mais rápida, tentando acompanhar o ritmo dos a-

contecimentos, atraiu a atenção do público, o que justifica a mudança no cenário literário. Essa nova linguagem moderna é marca das crônicas de João do Rio e despertam o interesse do leitor.

3. Breve história da crônica

Não é possível desvencilhar a história da crônica no Brasil à história do jornal. O gênero, surgido a princípio como folhetim na metade do século XIX, ocupava um pedaço de página no rodapé do veículo de comunicação e era por ali que a literatura se infiltrava. Os assuntos tratados eram os mais diversos, mas havia o predomínio dos aspectos da vida cotidiana.

Por ser um produto do discurso jornalístico e fruto do trabalho do literato e/ou jornalista, mesclando assim diferentes textualidades, é difícil enquadrá-la em uma definição. A impossibilidade de defini-la por sua constituição discursiva entre o literário e o jornalístico leva à conclusão de que é um gênero híbrido.

A professora da UERJ Maria Cristina Ribas, em seu texto *Destecendo a rede conceitual da crônica: discussões em torno da crítica e projeções no ensino do gênero menor* (2013), ao escrever sobre a crônica e seu desenrolar, diz que classificá-la como híbrida é aloca-la dentro de um padrão e padrão não é algo que a crônica siga. Sua forma híbrida pode ser entendida como tendência de uma literatura em que há coexistência de gêneros e a preocupação com essa conceituação está atrelada ao fato de a crônica ser publicada no primeiro veículo de comunicação de massa, o jornal.

Sua publicação em um veículo de ampla circulação a coloca em uma posição de menoridade diante da crítica, afinal, o público, nem sempre com um grau de instrução muito elevado, interferia na sua composição. Os textos eram escritos com as marcas dos discursos orais para incluir o leitor neles e construir uma voz narrativa como se fosse do próprio leitor. Essa aproximação com o leitor era de fundamental importância para que o público aderisse aos jornais.

O literato/jornalista João do Rio se apropriou desse gênero e imprimiu nele a modernidade por meio da inserção da técnica. Segundo o professor Marcus Vinicius Nogueira Soares, em seu texto *João do Rio e a nova esfera da crônica no século XX* (2016), a coletânea “A Alma Encantadora das Ruas”, dividida em cinco partes, trabalha com diferentes

aspectos abordados por João do Rio. Dentre esses aspectos estão: uma conferência de João do Rio realizada no Instituto Nacional da Música em 28 de outubro de 1905 sobre a rua e o *flâneur*; questões pouco notadas apesar de presentes no cotidiano das pessoas que transitam pelas ruas; a miséria social; o dia a dia da Casa de Detenção como assunto e um ensaio em que João do Rio analisa a literatura produzida pelos diversos cantos da cidade e se encontra à margem da literatura oficial. É como se João do Rio ajustasse a lente de sua câmara em cada uma das partes da coletânea para focalizar sobre uma temática que deseja tratar.

Identifiquei, dentre as crônicas da coletânea com as quais resolvi trabalhar mais a fundo neste momento, alguns elementos em comum relacionados à estética, como: imagens sensoriais; imagens em flashes; simultaneidade temporal e técnica do *close* permitindo a aproximação aos personagens. Ainda que não pertençam ao mesmo grupo de aspectos mencionados acima, servem para exemplificar a repetição dos elementos estéticos nas crônicas de João do Rio, independente da temática.

4. *No encaicho da técnica*

Na crônica intitulada “As mariposas do luxo”, retirada da coletânea “A Alma Encantadora das Ruas”, de João do Rio, o autor constrói minuciosamente o cenário de uma avenida reformada, com lojas elegantes, vitrines magníficas, iluminação que favorece o consumo e operárias encantadas com os produtos que veem nas vitrines, não pelo produto em si, mas por sua fantasmagoria, pelos poderes que eles proporcionavam a quem os consumia.

A fantasmagoria indica um modo geral de experiência decorrente da expansão da transformação de todas as relações sociais segundo a lógica da mercadoria. Cria-se uma imagem ilusória da mercadoria que passa a se mover sozinha, independente da vontade da sociedade que produziu a mercadoria e sua cultura. A mercadoria ganha vida por meio da imaginação dos sujeitos e essa construção mental ultrapassa o campo psíquico chegando a crença de uma representação do real agora não mais dependente do auxílio da sociedade.

É essa mercadoria, cuja representação ilusória ocupa o lugar do real, que está presente na crônica de João do Rio, mais especificamente na cena em que as operárias se deslumbram ao observarem uma vitrine, na Rua do Ouvidor. O objeto ultrapassa seu simples status de objeto e vai além ao atingir a sensibilidade das moças pelo desejo. Há

deslumbramento e encantamento pelo efeito que ele produz, algo fomentado mais pela mente do que pelo objeto em si. O que está em evidência na questão da fantasmagoria da mercadoria não é o que as coisas são, mas sim o que elas representam.

Por trás do vidro polido, arrumados com arte, entre estatuetas que apresentam pratos com bugingangas de fantasia e a fantasia policroma de coleções de leques, os desdobramentos das sedas, das plumas, das guipures, das rendas. (RIO, 1908, p. 133)

O vidro é componente fundamental dessa fantasmagoria e funciona como estratégia moderna para fomentar o desejo, pois ao mesmo tempo que permite o contato com o produto, por meio da visão, o afasta pela impossibilidade de tocá-lo, senti-lo. É escolhido por Walter Benjamin como símbolo da cultura moderna. Utilizado nas passagens, espaços concebidos pelos arquitetos para a exposição e venda de mercadorias, o vidro permitia o acesso ao mesmo tempo em que impedia. Despertava desejos e embaraçava a visão de quem por meio dele apreciava o que estava do outro lado.

Além do vidro, outro elemento que ajuda a entontecer as operárias é a iluminação. É como se ao iluminar a vitrina com a luz elétrica, o joalheiro iluminasse os desejos de consumo que estavam adormecidos no interior das operárias. A riqueza de detalhes na descrição das cores e brilhos das mercadorias permite ao leitor dimensionar o sentimento das pobres moças ao se deparar com aquela grandiosa, ainda que não em questão de tamanho físico, vitrine.

Mas, lá dentro, o joalheiro abre a comunicação elétrica, e de súbito, a vitrina, que morria na penumbra, acende violenta, crua, brutalmente, fazendo faiscar os ouros, cintilar os brilhantes, coriscar os rubis, explodir a luz veludosa das safiras, o verde das esmeraldas, as opalas, os esmaltes, o azul das turquesas. Toda a montra é um tesouro no brilho cegador e alucinante das pedrarias. (RIO, 1908, p. 137)

O vidro, a iluminação, a disposição das cores, enfim, todo o cenário propício ao consumo desperta a atenção das operárias. A atenção questão da atenção é outro elemento tratado na obra de João do Rio e que já vinha ganhando destaque antes da virada do século, 1870 e 1880. Por meio de pesquisas no campo da psicologia descobriu-se como a intenção era um instrumento importante em favor do consumo. O campo da moda valeu-se disso como forma de produzir novas consumidoras.

As operárias que caminham pela rua, ao voltar do trabalho, distraídas, tem a sua atenção fixada na vitrine por toda a sua

ornamentação atrativa ao contato visual. A visão é congelada para que por meio da distração o consumo se faça impulsionando o desenvolvimento da economia. A imagem representa a própria mercadoria e o consumo se dá por meio dela.

Elas fixam a atenção. Nenhuma das quatro pensa em sorrir. A joia é a suprema tentação. A alma da mulher exterioriza-se irresistivelmente diante dos adereços. Os olhos cravam-se ansiosos, numa atenção comovida que guarda e quer conservar as minúcias mais insignificantes. A prudência das crianças pobres fá-las reservadas. (RIO, 1908, p. 137)

Esse consumo por meio da imagem pode ser entendido como uma modernidade simbólica, isto é, uma modernidade que não se efetiva pelo consumo, mas sim pelo desejo de consumir. “A modernidade, afinal de contas, chegava diferente, em proporções imensamente desiguais, mas atingia a todos” (SVCENKO, 1998, p. 611). A modernidade não atinge a todos da mesma maneira, os menos abastados, como as operárias da crônica de João do Rio, não têm condições de comprar determinados produtos, mas isso não quer dizer que estejam fora da modernidade. Elas estão inseridas simbolicamente na modernidade, por meio, do desejo que a mercadoria desperta nelas, ainda que o consumo não se efetive.

Elas, coitaditas! passam todos os dias a essa hora indecisa, parecem sempre pássaros assustados, tontos de luxo, inebriados de olhar. Que lhes destina no seu mistério a vida cruel? Trabalho, trabalho; a perdição, que é a mais fácil das hipóteses; a tuberculose ou o alquebramento numa ninhada de filhos. Aquela rua não as conhecerá jamais. Aquele luxo será sempre a sua quimera. (RIO, 1908, p. 134)

A descrição do cenário ao redor, um tanto quanto poética, carrega o tom da tristeza das pobres moças. A cena em que o autor faz isso descreve a passagem do dia para a noite e traz, ainda que implicitamente, a ideia de que o brilho da rua acabaria se não fosse a iluminação elétrica durante à noite, é uma forma de valorizar as novidades modernas, pois se não fossem elas a única coisa que caberia a esta cidade seria a escuridão.

É a hora indecisa em que o dia parece acabar e o movimento febril da Rua do Ouvidor relaxa-se, de súbito, como um delirante a gozar os minutos de uma breve acalmia. Ainda não acenderam os combustores, ainda não ardem a sua luz galvânica os focos elétricos. Os relógios acabaram de bater, apressadamente, seis horas. Na artéria estreita cai a luz acinzentada das primeiras sombras - uma luz muito triste, de saudade e de mágoa. (RIO, 1908, p. 133)

João do Rio repete essa forma quase poética ao descrever a gradação da luz na passagem do fim da luminosidade do dia para a quase escuridão da noite. Essa descrição assemelha-se a um quadro em

movimento e o autor retira esse deslocamento da modernidade das ruas e das técnicas cuja origem são os inventos ópticos. Nesta nova descrição, o autor imbui o leitor de um sentimento de simultaneidade de espaço e tempo, isto é, ao olhar para o céu do Rio de Janeiro em um fim de tarde, as cores e sensações expostas pelo autor levam ao leitor à Itália e ao Oriente sem sair do lugar, a cidade carioca.

No alto, como o teto custoso do beco interminável, o céu, de uma pureza admirável, parecendo feito de esmaltes translúcidos superpostos, rebrilha, como uma joia em que se tivessem fundido o azul de Nápoles, o verde perverso de Veneza, os ouros e as pérolas do Oriente. (RIO, 1908, p. 133)

Outra novidade incorporada a esta crônica é a aproximação as personagens, similar ao *close* de uma câmera. Quando o narrador ajusta as lentes de sua escrita e se aproxima das personagens, ele permite ao leitor escutar o diálogo das operárias, caminhar com elas pelas ruas e até invadir seus pensamentos descobrindo seus desejos, entendendo suas sensações.

Elas fixam a atenção. Nenhuma das quatro pensa em sorrir. A joia é a suprema tentação. A alma da mulher exterioriza-se irresistivelmente diante dos adereços. Os olhos cravam-se ansiosos, numa atenção comovida que guarda e quer conservar as minúcias mais insignificantes. A prudência das crianças pobres fá-las reservadas. (RIO, 1908, p. 137)

Esse narrador conhece sentimentos, identifica impressões e reações das mais sutis que essas operárias demonstram. Ele só consegue fazer isso porque além de um exímio observador, é *flâneur*, aquele transeunte aparentemente desprezioso, mas muito atento a tudo o que vê nas ruas para utilizar como temática de suas crônicas, ele impregna sua crônica de movimento. É possível identificar esse movimento por meio dos diferentes ângulos e cores utilizados por João do Rio.

Arelado a sua observação, as suas andanças pelas ruas, suas “bisbilhotices”, está a subjetividade desse narrador que deixa sua opinião ainda que implicitamente nos fatos narrados e assim permite o diálogo com seu interlocutor. O uso de expressões como “coitaditas” mostra o teor opinativo desse narrador em relação às operárias. Quando mostra sua opinião, o cronista aproxima-se do interlocutor, emerge no seu mundo e assim valida o que escreve.

Na crônica intitulada “Pequenas profissões”, retirada da coletânea “A Alma Encantadora das Ruas”, de João do Rio, o autor aborda como temática as questões pouco notadas pelos que transitam todos os dias nas ruas, a miséria. Afirmando seu caráter jornalístico, João do Rio parece

fazer uma enquete sobre as profissões miseráveis que existiam na cidade e escreve sobre o que seus olhos viram. Ela se aproxima do gênero notícia por denunciar uma realidade indigente de um Rio de Janeiro que passava por diversos processos de modernização, mas mantinha mazelas sociais gigantes. É por meio da imagem das "pequenas profissões", profissões que estavam à margem da sociedade, que João do Rio corrobora sua denúncia.

O Rio tem também as suas pequenas profissões exóticas, produto da miséria ligada às fábricas importantes, aos adelos, ao baixo comércio; o Rio, como todas as grandes cidades, esmiúça no próprio monturo a vida dos desgraçados. (RIO, 1908, p. 44)

Se no conteúdo o autor trata da miséria dessa cidade moderna, na forma ele incorpora a técnica dos inventos ópticos à sua escrita descrição estética dos espaços, que permitia ao leitor a visualização do ambiente através da leitura; imagens sensoriais, movimento e cor que afetavam o leitor e sobreposição de imagens em flashes como no cinematógrafo se fazem presente nesta crônica. O autor passa de um cenário a outro em um piscar de olhos, como imagens em flashes.

O cigano aproximou-se do catraieiro. No céu, muito azul, o sol derramava toda a sua luz dourada. Do cais via-se para os lados do mar, cortado de lanchas, de velas brancas, o desenho multiforme das ilhas verdejantes, dos navios, das fortalezas. Pelos bulevares sucessivos que vão dar ao cais, a vida tumultuária da cidade vibrava num rumor de apoteose, e era ainda mais intensa, mais brutal, mais gritada, naquele trecho do Mercado, naquele pedaço da rampa, viscoso de imundícies e de vícios. O cigano, de fraque e chapéu mole, já falara a dois carroceiros moços e fortes, já se animara a entrar numa taberna de freguesia retumbante. Agora, pelos seus gestos duros, pelo brilho do olhar, bem se percebia que o catraieiro seria a vítima, a vítima definitiva, que ele talvez procurasse desde manhã, como um milhafre esfomeado. (RIO, 1908, p. 42)

No trecho acima, a descrição da cena é feita como em um quadro impressionista, com imagens e cores em movimento. João do Rio assemelha-se a um artista desse período na medida em que através de sua escrita cria impressões das sensações. Assim como a cor se forma na retina do observador, a cidade se mostra ao olhar atento do *flâneur* que era João do Rio e a partir dessa observação a transporta para sua escrita por meio de imagens e cores em movimentos que estimulam sensações.

Há também nesta cena um importante elemento importado pelo cronista do cinematógrafo, as imagens em flashes. O corte abrupto das imagens, passando de um espaço a outro da cidade, neste caso, do cais aos bulevares, possibilitam ao leitor caminhar com o *flâneur* pelas ruas

da cidade sem sair do lugar.

Outra inovação estética que pode ser identificada no trecho acima, assim como apareceu na outra crônica trabalhada, é a simultaneidade temporal. O mercado antigo, imundo e os bulevares tumultuosos, símbolos do moderno, representam tempos diferentes, passado e presente, que coexistem na mesma cidade e descritos nesta cena pelo cronista.

A técnica do *close*, que permite a aproximação aos personagens, novamente é utilizada por João do Rio. Ele permite ao leitor caminhar com Eduardo e o narrador, personagens principais desta crônica mostrando seu diálogo e suas ideias.

– Falaste, entretanto, dos sabidos? – Ah! os sabidos dedicam-se a pesquisar nos montes de cisco as botas e os sapatos velhos, e batem-se por duas botas iguais com fúria, porque em geral só se encontra uma desirmanada. Esses infelizes têm o preço fixo para o trabalho, uma tarifa geral combinada entre os compradores, os italianos remendões. Um par de botas, por exemplo, custa 400 réis, um par de sapatos 200 réis. As classes pobres preferem as botas aos sapatos. Uma bota só, porém não se vende por mais de 100 réis. (RIO, 1908, p. 45)

No trecho acima, ao focalizar na conversa do personagem Eduardo com o narrador, João do Rio direciona ao leitor para onde ele deve olhar, o que deve atentar, assim como um cinegrafista faria com sua câmera. Ainda que essa narração seja feita em terceira pessoa, os fatos narrados perpassam pela visão subjetividade do narrador e é por meio da subjetividade que ele dialoga com o leitor, ensinando a ele quais as preferências das classes mais pobres, seus hábitos e costumes.

A subjetividade do narrador, mencionada anteriormente na abordagem sobre a crônica “As Mariposas do luxo”, se faz presente também nesta crônica. A forma como ele se refere aqueles que trabalham da venda de sapatos ao chamá-los de “infelizes” deixa transparecer sua opinião, seu desprezo pela miséria desses homens.

A descrição estética dos espaços/cenários e a técnica do *close* são elementos que se repetem nessas duas crônicas trabalhadas e tem origem nos inventos ópticos, principalmente o cinematógrafo. Assim como uma câmera que se aproxima ao focalizar a imagem, João do Rio aproxima os seus personagens e cenários aos seus leitores. A crônica de João do Rio apresenta ao leitor a cidade moderna do Rio de Janeiro e para isso é essa preciso construir uma escrita minuciosa, detalhada dos espaços.

Além da questão da cidade como um texto, isto é, por meio da escrita literária é possível conhecer a cidade, a descrição estética tem grande importância no diálogo com a

técnica literária, pois aborda a questão da visualidade, tão característica dos inventos ópticos como o cinematógrafo e a fotografia. O cinematógrafo também provoca sensações nos sujeitos que iam assistir as fitas, por isso a necessidade da sinestesia pela escrita, algo inovador presente nas crônicas de João do Rio.

5. *E como fica o escritor?*

Nesse turbilhão de sensações que emerge da rua e perpassa para a escrita, o escritor não pode mais se restringir a uma redação de jornal. A notícia está nas ruas, o acontecimento se dá nas avenidas pulsantes da cidade que exala o novo, mas ainda carrega uma leve fragrância de passado. O cronista tem que estar onde o conteúdo de suas crônicas está, na hora em que se dão os fatos. Há agora a necessidade de captar tudo no tempo em que está ocorrendo, é atrativo aos leitores e por consequência aos redatores. Se o formato da escrita muda, a profissão do escritor também.

O homem de letras profissionalizou-se, perdeu seu *status* sacrossanto, sua espécie de auréola quando foi para o meio da multidão, se misturar aos meros sujeitos da modernidade para buscar o assunto de suas crônicas. Saiu do lugar individual de onde escrevia, sua mesa na redação do jornal e teve que ir viver a modernidade na urbe carioca em plena ascensão. A esfera do sagrado perde seu valor, a literatura passa a ocupar a posição de mercadoria e o escritor tem que se submeter às leis do mercado para não perder seu meio de subsistência.

Os literatos veem nos jornais a possibilidade de divulgação de suas obras e consequentemente de ascensão social. E os jornais enxergam os literatos como um profissional capaz de alcançar um público maior, conseguindo, com isso, mais anunciantes, prestígio e poder. A utilização da técnica impulsiona a popularização dos jornais e por consequência disso, quem escreve neles, fica mais conhecido.

A tensão instaurada entre a literatura e a imprensa, aliada ao novo posicionamento do escritor, que o projeta nas ruas, é produtiva/rica/interessante para a escrita literária: torna-a renovada/dinâmica pela exploração de inúmeros recursos estéticos para dialogar com a técnica, a experiência urbana e o novo leitor.

ARRIGUCCI, Davi. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900* / Marialva Barbosa. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BERMAN, Marshall, 1940 – *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade* / Marshall Berman. Trad. de Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. *Jornalismo e literatura em convergência*. Marcelo Bulhões. São Paulo: Ática, 2007. 216 p. il.

GOMES, Renato C. *Progresso, velocidade, máquina e mídia: Um futurismo periférico e a crônica jornalística de João do Rio*. Rumores. (USP), v. 2, 2010.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso, FFP-UERJ, BRASIL. Vol. 11, N. 20 (2013): Ensino & Vivências – Dossiê Temático. DESTECENDO A REDE CONCEITUAL DA CRÔNICA: discussões em torno da crítica e projeções no ensino do gênero menor.

RIO, João, 1881-1921. *Cinematógrafo: crônicas cariocas/João do Rio*. Rio de Janeiro: ABL, 2009. Coleção Afrânio Peixoto, v.87

_____. *A alma encantadora das ruas/João do Rio*. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. (Saraiva de bolso)

SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo. In: CHARNEY, L.; SCHWARTZ, V. (Org.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. Trad. de Regina Thompson. 2. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 95-123

SOARES, Marcus V. N. João do Rio e a nova esfera da crônica no século XX. In: *Belle Époque: crítica, arte e cultura*. Rio de Janeiro: Intermeios. 2016. p. 119-35